



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA

Márcio Moreira Costa*

Introdução

A tarefa que aqui se propõe é a análise das obras *Teogonia: a origem dos deuses*, do poeta grego antigo Hesíodo, e *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kenhirípõrã*, escrita, em coautoria, pelos indígenas desana Umusi Pãrõkumu e Tõrãmú Kehíri, a partir de elementos da abordagem comparatista. Naturalmente que para obterem-se os resultados esperado também se recorre a elementos da hermenêutica e de pressupostos dos Estudos Culturais.

A pesquisa busca seus fundamentos no ensaio do renomado tradutor de grego Jaa Torrano, *O mundo como função de Musas*, que apresenta a obra *Teogonia*, publicada pela editora Iluminuras, e vale-se também dos estudos de Pedro de Niemeyer Cesarino, resumido na apresentação de seu livro intitulado *Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia Marubo*. Não se pode omitir algumas incursões nos textos de Ernst Cassirer, Eliade Mircea, Jean-Pierre Vernant, a título de orientações teórica. Finnegan, Schipper e Bicalho, este último com seu trabalho de doutoramento, contribuíram para a construção dos argumentos que serão apresentados.

É a partir da obra dos escritores desana, acima citada, colacionada com a narrativa hesiódica, *Teogonia: a origem dos deuses*, que este trabalho se propõe demonstrar possíveis evidências do poder da palavra em presentificar, dar

* Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Professor de Filosofia. E-mail: marciueu@gmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

existência, àquilo que evoca¹. Recorrendo, para tanto, a elementos da abordagem comparatistas, propõem-se à realização da apreciação de traços estéticos, nas obras escolhidas, a partir da imagem construída do processo criador do mundo/cosmos, em cada uma das narrativas, chegando a uma análise teórica e diferencial de elementos literários.

1. O poder presentificador da Palavra na literatura oral

“No princípio era o Verbo [...]. Tudo foi feito por meio dele [...]” (JOÃO, 1: 1-3). O Texto Sagrado dos cristãos atribui à palavra (Verbo) esse poder criador. É mediante o *Faça-se...*² (a Palavra) que incide a existência do mundo. Todo o Universo materializa-se e recebe seus contornos específicos pela mediação e poder da Palavra.

A narrativa cristã possui correspondência na tradição mítica da Grécia Arcaica. Em sua obra *Introdução à história da Filosofia*, no primeiro volume, a escritora e filósofa, Marilena Chaui, fala do costume dos poetas em invocar as musas para guiá-los, pois que, dessa forma, “Ao falar, fazem que aconteça aquilo que dizem. Sua palavra [...] é uma ‘palavra eficaz’” (2002, p. 40). E é eficaz por dar causa ao existente, às coisas; torna real o que é cantado porque ele, o *aedo*, diz a verdade. Uma linguagem prenhe para dar à luz ao Universo material, como escreve Jaa Torrano (2014, p. 14): “[...] veículo de uma concepção do mundo e suporte de uma experiência numinosa”. Não é, portanto, apenas um criar, fazer nascer, mas também condicionar-lhe uma forma, uma estrutura, uma identidade... por assim dizer, um destino. Torrano chega ainda a afirmar que a palavra (Musas) tem “[...] o poder de presentificar o que sem elas é ausente” (2014, p. 21).

¹ Seja pela forma oral, nas tradições antigas, seja pela forma escrita ou impressa atuais.

² Expressão que aparece no livro do Gênesis, como fórmula para a criação, usada pelo Deus judaico-cristão.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Indígenas do Rio Negro, entre elas *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pārōkumu e Tōrāmú Kehíri, já inserem essa literatura oral dentro da cultura ocidental do impresso.

2. Narrativas dos primórdios: teogonia e cosmogonias

As narrativas da Antiguidade grega gozam de grande recepção no meio literário. Talvez isso se deva ao fato que, desde o primeiro contato, o Ocidente Moderno já tenha encontrado tais expressões na forma escrita. Não ocorre o mesmo com a tradição oral do ameríndio. As tentativas primeiras, de transferir para a linguagem escrita essas narrativas, subtraíram-lhe os elementos estéticos e até formais que lhe aproximariam do que se tem como literatura formalizada. O antropólogo Cesarino, faz essa constatação ao afirmar que recentemente, alguns trabalhos, como o de “[...] Dennis Tedlock (1983) aproximou as narrativas da ação da poesia dramática e rompeu com a linearidade da prosa que dominava os trabalhos de tradução. [...] e ao menosprezo das qualidades rítmicas e discursivas das expressões orais” (2013, p. 12).

Não obstante, as narrativas da origem do universo, grega – *Teogonia: a origem dos deuses* – e desana – *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã* – compõe já o universo do impresso. Fato este que, a partir daqui, ao ser usado o termo narrativas, seja para a grega ou a desana, a intenção clara é referir-se às obras escritas e impressas citadas previamente.

São duas narrativas míticas que fazem memória das origens do cosmos e delimitam, em certa medida, suas fronteiras. E, para usar uma definição apresentada por Ernst Cassirer, em sua obra *Linguagem e mito*, tomada do filólogo Max Müller, o mito é

[...] na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação linguística é essencialmente ambígua e, nesta ambiguidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos (CASSIRER, 2013, p. 18).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

poesia o homem grego canta o declínio das arcaicas formas de viver ou pensar [...]” (PESSANHA 1996, p. 8).

Hesíodo nasce em Ascra, Beócia, por volta do século VIII a.C. e vive toda a sua vida aí. Quando da morte do pai e a partilha da herança entra em altercação com o irmão Perses e sente-se lesado na disputa judicial. Sua poesia, segundo o pesquisador Wagner Jaeger retrata esse drama, complementando que ao bardo foi “[...] concedido pelas musas desvendar os valores próprios da vida do campo” (1994, p. 86). Somente através de tal concessão é que o homem comum era capaz de ir e enxergar para além de seus limites geográficos, físicos e também temporais. Esse é “[...] um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (Musas)” (TORRANO, 2014, p. 16).

Na tradição indígena, analogamente, esse poder é recebido como dádiva sagrada e não como conquista bélica. Cesarino constatou, com sua experiência entre o povo Marubo, que os demais indígenas sentiam-se inaptos a falar sobre determinados assuntos; “Deixavam, assim, o tratamento de temas relacionados às narrativas míticas e à cosmologia ao encargo dos xamãs [...]” (2013, p. 438). O que parece ser aplicável à tradição desana, como se pode extrair do processo de escrita de seus mitos.

O povo Desana ocupa o noroeste amazônico brasileiro, margeando o Rio Uaupés, indo além dos limites fronteiriços com a Colômbia. Com uma população de pouco mais de duas mil pessoas, dados de 2012⁴, os Umukomahsã – que significa Gente do Universo – tem intensa presença no município de São João Batista (AM), etnia a qual pertencem os autores da narrativa mítica desana sobre a criação do mundo.

Tõrãmu Kehíri (Luiz Gomes Lana), responsável por transpor para a forma escrita, as narrativas orais míticas de seu povo, foi educado numa escola sob os

⁴ Cf.: Site “Povos indígenas no Brasil”. Espaço que oferece diversos dados sobre os povos indígenas no país, inclusive políticas afins e download de livros sobre a temática indígena. Endereço: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/desana>. Acesso em: 10.08.2015.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

cuidados de religiosos salesianos, onde aprendeu a ler e a escrever na língua portuguesa; um primeiro contato com a cultura e religiosidade não índia. Recebeu as narrativas da voz digna⁵ de seu pai, Umusi Pãrökumu (Firmiano Arantes Lana). Este foi “[...] filho de tuxáua, *baya* (isto é, mestre de cerimônia), *kumu* e tuxáua ele mesmo, nunca quis aprender o português e fez questão que seus sete filhos falassem a língua desana” (PÃRÖKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 13).

Transcrita primeiramente para a língua desana, a narrativa da origem do mundo revela seu grande personagem mítico: *Yebá Buró*. Na narrativa grega, quatro personagens distintas estão presentes na constituição do cosmos, a saber: *Kháos*, Terra, Tártaro e Eros.

Multiplicidade e univocidade não se opõem aqui, mas afluem e transfundem numa dialética criadora. Da unicidade primitiva de *Kháos* surgem Terra, Tártaro e Eros para enfim, gerar e administrar a constituição do cosmos.

“Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também”
“Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,”
“dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,”
“e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,”
“e Eros: o mais belo entre deuses imortais,”
[...] (HESÍODO, 2014, p. 109).

Os versos acima (116-120) indicam esse movimento da unicidade à multiplicidade como uma dinâmica cósmica de geração para retomar à unicidade novamente em Zeus. E mesmo nessa multiplicidade, Jaa Torrano percebe uma unidade e vai titulá-la “quádrupla e agônica” para em seguida anunciar a tensão simétrica que existe no núcleo dessa unidade, ponderando que “Dada a diversidade de natureza entre as duas forças de procriação, há uma prioridade de *Kháos* sobre Eros, e Hesíodo marca-a clara e reiteradamente” (TORRANO, 2014, p. 45).

Para entender essa prioridade tem-se, além da temporalidade, expressa pelo advérbio depois (no original em grego: *épeita*), também o espaço de

⁵ Digna por ser a voz de alguém que possui o poder de narrar tais acontecimentos, segundo a tradição mítica.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

dominância de *Kháos* que transpõe o espaço de Eros. Por outro lado Terra e Tártaro são contíguos, desse modo, **são** ao mesmo tempo, explica Torrano (2014, p. 45-46).

No início do mito desana “Origem do mundo e da humanidade / Primeira parte: Origem do mundo” esse processo se inverte: tem-se inicialmente uma multiplicidade que convergirá para a unidade. A narrativa é discretíssima ao construir tal imagem. *Yebá Buró*, a divindade “Não Criada”, forja seu próprio ser a partir de seis elementos misteriosos. O adjetivo “misterioso”, que caracteriza tais elementos indica a qualidade extranatural destes: “Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje [...]” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 20); são coisas com aparência comum, mas com uma essência transcendente.

Haviam coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Haviam seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro, uma, cuia de ipadu o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre estas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 19).

Inicialmente a composição desse trecho da narrativa parece indicar uma contradição lógica pela presença da expressão “criar-se por si mesma”. Algo que pode criar, mesmo que a si mesmo, já tem pressuposta uma existência. Uma hermenêutica rigorosa possibilitaria dar explicações sólidas acerca desse fato, entretanto, os contornos do presente trabalho não permite tal esforço⁶. Não obstante, parte-se da compreensão de que *Yebá Buró*, a “Avó da Terra”, não torna-se algo a partir dos elementos citados. O que se pode depreender da passagem é de um momento cerimonial. As peças ritualísticas combinadas – como a uma evocação – presentificam a divindade criadora; é o seu revelar-se como causa eficiente do mundo.

E nesse jogo de multiplicidade e unicidade, inversamente à narrativa grega, no mito ameríndio está presente a dialética criadora como um movimento de oposição: uno e múltiplo. Um e vários. Caos e ordem. Ser e Não-ser. E como a

⁶ A ausência de uma crítica hermenêutica acerca dos textos desana também limita essa pesquisa.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

unidade hesiódica transporta em si uma multiplicidade e esta, sua porção de unidade, também o mito do povo Desana apresenta esse movimento dialético. Dos seis elementos para uma divindade una e desta aos seis trovões (os Avôs do Mundo) (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 19-21). São tradições míticas distintas, mas que nas diferenças se assemelham.

3. O mediador digno nas narrativas grega e desana: Musas e *kumu*

E nesse contexto de semelhança e dessemelhança, aprofundando a análise, descobre-se uma semelhança pujante que é, contiguamente e na mesma intensidade, uma dessemelhança. A ação hermenêutica possibilita a extração dessa semelhança, não obstante, do ponto de vista estético-formal resta evidente a dessemelhança. E esta, no sentido mesmo de heterogeneidade. Trata-se da relação entre dois elementos, um de cada uma das narrativas. Da *Teogonia*, toma-se as Musas, filhas de *Mnemosyne* (Memória) e Zeus, e de *Antes o mundo não existia*, tem-se o grande *kumu* e tuxáua, Umusi Pãrõkumu. De um lado um personagem da narrativa grega, com um poder de tornar aquilo que é narrado, através da palavra, real, isto é,

O mundo, os seres, os Deuses (tudo são Deuses) e a vida aos homens surgem no canto das Musas no Olimpo, canto divino que coincide com o próprio canto do pastor Hesíodo, a mostrar como surgiu e a fazer surgir o mundo, os seres, os Deuses e a vida aos homens (TORRANO, 2014, p. 20).

O poder ontofônico, identificado por Jaa Torrano, é o poder de dar presença, inerente às Musas (à Palavra). E onde não são chamadas – as Musas – nada pode ser, pois elas são a causa do que é e sua ausência provoca o escondimento, a não revelação das coisas (2014, p. 24-25). As Musas não eram a guardiã do conhecimento, mas como filhas da Memória o que queriam revelavam e o que não queriam, mantinham em ocultação. Administravam assim o conhecimento transmitido aos homens. Esse é o seu poder, expresso nos versos 27 e 28 da



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

primeira parte do Poema: “sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos”/“e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações” (HESÍODO, 2014, p. 103).

Na narrativa desana, a mediação entre a Memória (tradição antiga) e os homens é feita por alguém digno. O conhecimento sobre os fatos ocorridos nos primórdios do mundo é ministrado pelo guardião desse saber registrado na memória. Umusi Pārökumu, co-autor, junto com seu filho, da obra *Antes o mundo não existia*, tem essa dignidade, pela sua condição de *kumu* e configura-se um guardião da memória ancestral por ser um dos últimos que trás consigo essa relação com a memória de eras primevas: “[...] meu pai, que é *kumu*, é dos poucos que ainda se lembram [...]” (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 14), conforme admite Kehíri⁷. Na cultura Desana, “Os *kumua* exercem funções destacadas na estrutura social desana” (1995, p. 13). São revestidos de sacralidade e alguns dons que lhes permite o contato com o mundo além das fronteiras da realidade física. “Tal como os xamãs, têm profundo conhecimento da mitologia, dos ritos e costumes tribais” (1995, p. 13).

Detentor da palavra, o *kumu* desana, também é capaz de simular verdades e, quando a ele for conveniente, fazer revelações grandiosas: “Mas meu pai não queria dizer nada, nem para o padre Casemiro, que tentou várias vezes perguntar, mas ele dizia só umas besteiras assim por alto. Só a mim é que ele ditou essas casas transformadoras” (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 11). Herdeiro de um poder capaz de fazer as coisas tornarem-se reais – a Palavra – pode ocultar e revelar. Tudo se realiza mediante sua palavra como mediador de uma memória (conhecimento) antiga.

As Musas são a própria Palavra porquanto filhas de *Mnemosyne*. Pārökumu não é, exatamente, a palavra, mas dignamente a representa e assim, detêm poder tal quais as filhas de Zeus. Enquanto o cosmos grego surge mediante o cantar das Musas, o mundo mítico desano recebe seus contornos mediante o narrar

⁷ O texto que contem tal afirmação é resultado da pesquisa da antropóloga Berta Ribeiro com os Desana. Em 1980 o texto, intitulado “Os índios das águas negras” introduziu a publicação da obra *Antes o mundo não existia*. Para a edição de 1995 foram compilados trechos para compor a apresentação da obra.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

daquele que é digno de fazê-lo, o mediador que conhece e transita pelo espaço sagrado: o *kumu*. Um dos poucos que ainda restaram de uma cultura fértil.

4. Considerações finais.

A palavra – escrita ou falada – pode presentificar o objeto do seu discurso numa narrativa. Todas as coisas passam a existir mediante sua ação e são ocultas se assim lhes for negada a evocação. A palavra, portanto, no espaço mítico, da causa de toda a existência, inclusive das divindades maiores; como se ela própria – a Palavra – fosse a deusa maior. Ela, no entanto, descende da linhagem mais nobre dos deuses: como Musa, como Verbo, como pensamento criador.

A abordagem feita ao longo desta pesquisa ordenou a escrita para algumas direções e não para outra em função dos contornos próprios do trabalho desenvolvido. Sabe-se que outras questões, também pertinentes, poderiam e seria interessante que fossem aprofundadas. Mas a palavra realiza seu poder ontofônico num processo dialético de ocultação e de trazer à luz. E ao seu arauto cumpre apenas possibilitar sua execução. Seria a isso que Foucault chamaria de “poder do discurso”?

Não convém, ao momento, tal debate. Não obstante, os elementos de tal poder é metamorfo chega a todos os tempos fazendo-se necessárias novas alternativas dialéticas e instrumentais teóricas para a sua abordagem.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BICALHO, Charles Antônio de Paula. **Koxuk, a imagem do yãmîy na poética maxakali**. 2010. 229 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schneider-man. 4ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013

CESARINO, Pedro de Niemeyer. **Cartografias do cosmos: conhecimento, iconografia e artes verbais entre os marubo**. MANA 19(3): 437-471, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v19n3/a02v19n3.pdf>. Acesso em: 02.09.2015.

_____. **Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia Marubo**. São Paulo: Editora 34, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fontes Santiago. 2ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da Filosofia**. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. _____.In: QUEIROZ, S. (Org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2006. p. 64-104.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 2ª ed. 6ª reimp. Estudo e tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2014.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fonte, 1994.

JOÃO. Bíblia. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Euclides Martins Balancin & Cia. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1842. Edição revista e ampliada.

PÃRÕKUMU, Umusi; KEHÍRI, Tõrãmu. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehíripõrã**. 2ª ed. São João Batista do Rio Tiquié/São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 1995.

PESSANHA, José Américo Motta Do mito à filosofia. p. 5-42. _____.In: PENSADORES. **Os pré-socráticos: vida e obra**. Tradução José Cavalcante de Souza & Cia. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Coleção Os Pensadores).

